

---

# LUIS SERGUILHA: UM SUJEITO NA CONTRAMÃO DO CONSUMO\*

---

**Andréa Santos\*\***

**Resumo:** *este texto tem por finalidade analisar a obra *A Singradura do Carpinador* (2005), de Luís Serguilha, que se apresenta como um mecanismo diante do qual devemos indagar sobre seus significados e efeitos. Aqui, sua letra consente que se superestime o potencial de sua obra e do leitor, estabelecendo uma quase concordância com a teoria de Fredric Jamenson (*life and works* - 1988). É necessário que se atenda ao funcionamento dessa escrita, suas conexões e intensidades.*

**Palavras-chave:** *A Singradura do Capinador. Criação rizomática. Experimentalismo.*

*Gastei uma hora pensando um verso  
que a pena não quer escrever.  
No entanto ele está cá dentro  
inquieta, vivo.  
Ele está cá dentro  
e não quer sair.  
Mas a poesia deste momento  
inunda minha vida inteiro.*

---

\* Recebido em 14.05.2015. Aprovado em: 03.08.2015.

\*\* Nascida em Parintins (Amazonas). É licenciada em Letras (Português/Inglês). Tradutora, ensaísta, professora de Língua e Literatura Inglesa - e de escritores afro-americanos; publicou entre outros: *Imagens Femininas Negras* de Toni Morrison [Ed. FASA, Recife, 2000]. Como professora, destacou-se com a produção da oficina textual *A importância da leitura Contextualizada* implantada em algumas escolas e também na Universidade Católica de Pernambuco (pelo departamento de pedagogia). Como ensaísta, recebeu o prêmio TAP: Redescobrimo o Brasil aos 500 anos [Ed. Record, Rio de Janeiro, 2000] avaliado pela ABL e distribuído no Brasil e em Portugal. Nas revistas *Calibàn* (Ed. Calibàn, Rio de Janeiro, 2001), *Il Portolano* (Ed. Polistampa, Firenze, Itália), sites-revista *Etcetera*, *Popbox*, *El Muro Cultural* (Argentina) dentre outros se podem encontrar seus ensaios, traduções, contos e poesias.

(Carlos Drummond)

*Se todo o ser ao vento abandonamos  
E sem medo nem dá nos destruímos,  
Se morremos em tudo o que sentimos  
E podemos cantar, é porque estamos  
Nus em sangue, embalando a própria dor  
Em frente às madrugadas do amor.  
Quando a manhã brilhar reffloriremos  
E a alma possuir esse esplendor  
Prometido nas formas que perdemos.*

*Aqui, deposta enfim a minha imagem,  
Tudo o que é jogo e tudo o que  passagem.  
No interior das coisas canto nua.*

*Aqui livre sou eu — eco da lua  
E dos jardins, os gestos recebidos  
E o tumulto dos gestos pressentidos  
Aqui sou eu em tudo quanto amei.*

*Não pelo meu ser que só atravessi,  
Não pelo meu rumor que só perdi,  
Não pelos incertos atos que vivi,*

*Mas por tudo de quanto ressoei  
E em cujo amor de amor me eternize.*

(Sophia de Mello Breyner)

**A** primeira visão, ler a poética de Serguilha  uma tarefa que se assemelha a alinhar aporias. *A Singradura do Carpinador* (2005) apresenta uma escrita que nos faz refletir a Literatura hoje, um paradoxo seguido de paradoxo. Singrar nos campos do neoclassicismo sem haver uma arcdica específica. A soma dessa singra é um êxtase que não mais interpreta, porém forma-se no contexto um universo significativo. Nas figuras, a metáfora é usada ao extremo dentro dos tantos adjetivos e orações subordinadas, etc., compondo uma inclinação sobre si mesma até não mais adelgaar para fora de si, mas fundar o fora em si. A poética supera os confins, põe a figura de linguagem unida ao paradoxo, revelando vocábulos, que, fascinantes, confundem a interpretação do leitor. É assim que Luís Serguilha, poeta português, abre um precedente ao primado da tradicionalidade na escrita dos versos a respeito da acepção interpretativa dos poemas (37 totais). Uma ruptura que extravasa o linear textual como o linear das imagens que teorizam sobre o poema.

Ditando uma nova poética portuguesa na esttica pós-moderna, seus versos fundamen-

tam uma nova arte na terra de Camões, afastando as fronteiras da simbologia. Nesse contexto, é importante observar a dissecação e ainda o desmantelamento da língua como particularidade estilística do poeta. Nesta sistematização quase absurda, nós podemos encontrar um sentido de diversas fases desconhecidas, mostrando-nos outra língua, uma língua nova que apesar de ser estrangeira e a um tempo só é atualíssima – nos imergindo na luz das influências sintáticas as quais contornam a metáfora em perspectivas de compreender as imagens reais.

Neste sistema serguilhiano temos níveis os quais jogam as palavras na sua acepção, para além do sentido que entenderíamos como coerente ou hipotético; em segundo quando este extremo passa a designar não somente um conteúdo metafórico, mas uma instância paradoxal, que apenas poderia ser descrita como delírio dentro da obra.

Parece-me apropriado esta sistematização nos versos, a qual nos coloca em frente do próprio corpo textual serguilhiano, vindo de encontro com algumas versificações da modernidade e pós-modernidade. Dentro deste contexto, não busco a conjuntura que finalmente me permita abrir ou interpretar o texto e resgatar a mensagem central: o núcleo. Busco um instrumento onde me consinta ler a superfície da palavra deste português. Assimilar seu relevo. Pouco me interessa o significado dado pelo autor, interpretá-lo me revela o seu interior e ainda o seguimento do seu contexto em objeção com o que tradicionalmente denominamos de eu-poético.

Luís Serguilha fornece-nos pelo seu raciocínio um organismo – mestre o qual se pode discutir a literatura dos versos portugueses, hoje. Refiro-me como organismo porque “A Singradura do Carpinador” é um mecanismo diante do qual devemos indagar: qual o seu significado e efeito em nós? Assim, a sua letra consente que se superestime o potencial de sua obra, do leitor, e do próprio, estabelecendo uma quase concordância com o a teoria de Fredric Jamenson. É necessário que se atenda ao funcionamento dessa escrita. Suas conexões e intensidades. Precogniza-se uma experimentação na poesia para aprender seus efeitos. Como verso, ao meu ver, experimental, tenta-se perceber seus limites, trata-se de uma física máquina. É importante observar, aqui em Sigradura, que as palavras vão aos confins da significação e da interpretação, restando o experimento que se dobra sobre a própria existência da obra.

As paisagens são justo aquilo que tornam possível a linguagem. Ao passo que há simultaneidade entre elas, aquilo que por trás delas e o que se fala em si, em nada disso temos um acontecimento só. A cada uma destas instâncias encontram-se separadas uma a uma por fenomenologia. O que distingue o pensamento do poeta daqueles que o antecedeu no que concerne a esta questão é que ele entende tais situações, embora distintas, como uma série de articulações em que se tenta aproximar de uma realidade. Luís Serguilha não cria uma nova estrada poética, em minha opinião, mas não se limita à fronteira poética que separa as palavras das coisas, ele aponta para o acontecimento como o próprio sentido. A dualidade que existe no livro (diria na sua escrita), é a metáfora com mais de uma acepção – pluralista. O poeta nos leva a perceber a superfície que une os dois lados em uma dobra, e esta revela o sentido do livro: uma face para as coisas, outra para as proposições. O vislumbre dessa pluralidade nos permite entender que para Serguilha, há uma verdadeira homologia entre a palavra e o sentido.

Toda hipérbole metafórica designa um coisa por outra e possibilita uma maior compreensão sobre o tema a que se propõe. Neste caso, a metáfora é seu melhor instrumento de aproximação

mação de certos elementos da realidade que nos interessa. Contudo a semelhança jamais à igualdade. Eis um dilema que se resume na possibilidade de identidade para percepção de uma “verdade”. A poética, neste livro, elimina essa zona de indeterminação e permite que seja jogada por terra as normas da mimese. Em vez das palavras tentarem se aproximar da realidade hoje, elas passam a ser a única realidade possível.

A reflexão do poeta sobre a literatura nos mostra a possibilidade da própria arte colocar-se como ponto de ruptura essencial com o mundo da representação. É precisamente nesse ponto que atinge sua potencia maior, não como fluxo mimético, mas como força criadora, desorganizadora da língua e não mais sustentada por um modelo lógico e aristotélico. O aparente caos da ruptura origina uma metáfora que é o ponto de partida para tantas palavras-corpos; devenir da palavra em fragmentação, devenir de experimentação. Assim, eis como a metáfora  tensionada até o paradoxo. Cessa o sistema de semelhança, institui-se o rizoma.

Observada do ponto de vista do rizoma serguilhiano, a experimentação literária poderia ser caracterizada como “linhas de fugas”, descentralizações em diversas direções. Daí a necessidades de levar a metáfora ao seu ponto máximo de tensão, o devir não é encontrar uma fórmula, mas poder exprimir os imprevistos, instaurar zonas de vizinhanças com não importa o quê, desde que se criem meios comunicativos para tal: uma literatura nova. Este poeta português nos mostra que a crescente experimentação de paradoxos podem se estender para além do texto, atingindo aqueles que escrevem. A prática da escrita torna seu praticante outra coisa que não aquilo escrito.

O paradoxo não se resume ao discurso escrito, pois pertence à estrutura da linguagem como um todo, inclusive à linguagem oral. O procedimento surge, agencia uma língua minuciosa onde as palavras despontam esvaziadas de significados, o que permite que a dimensão poética que nos aponta Serguilha prevaleça. Assim, não podemos negar que ele seja um pensador, muito embora sua fórmula anti-axiomática do relacionar com o mundo.

Cabem aqui mais duas observações sobre o Serguilha. A primeira parece-me uma visão bastante psicologia: este foi o melhor modo que Luís Serguilha encontrou para falar de si ao mundo. Como alguns poetas, ele também perfila paradoxos na língua portuguesa que mais se mostram a nós como anti-axiomas. Ou melhor, permitem uma linha de fuga para aquilo que não são, sem, contudo negar um pressuposto ao que foi dito.

A segunda, diz respeito  dimensão hiperbólica da metáfora onde defende como estilo. O seu texto alcança essa dimensão desse primado uso na repetição dos adjetivos. O conjunto de palavras da fórmula serguilhiana além de desarticular a linguagem, deixa uma impressão a qual subsiste à leitura. Ao mesmo tempo em que a fórmula aparece apontar para uma estilística própria, ela desarticula a escrita poética. Sem limite e expondo a curva do paradoxo na literatura.

*A Singradura do Carpinador* (2005) oferece-nos proposições que ilustram melhor esse desequilíbrio que o poeta chama “poesia sem compromisso” com um tratamento incrível a sintaxe. Se por um lado, atentamos para o caráter não melódico, mas por vezes sensual, da palavra poética, por outro, somos portados a pensar sobre a natureza contraditória desta “poesia sem compromisso” em que a filosofia serguilhiana coloca-se no mesmo patamar de verdadeira escrita. A singradura vocabular é mais importante que o rascunho mostrado, pela sua grandeza no crescer.  irrealizável separar todas as instâncias que esta escrita possui. A gramática, a língua,

a linguagem e o não-juízo do Carpinador e dos adjetivos. Porém, tão importante quanto, parece que somos capturados pelo efeito do poema. O que não tem dimensão e o que não são muito lineares com a literatura tradicional residem na dobra do poeta, no eu-poético – como um filósofo na sua filosofia ditada. Serguilha tem potencial de abrir a impossibilidade do ínfimo ao nível do real-irreal, principalmente quando se trata de literatura portuguesa.

O que está muito claro diante dos poemas deste português é como a sua poética moderna e contemporânea apresenta-se além das possibilidades interpretativas. Na verdade, ela se constitui sobre ela mesma e reafirma a filosofia que toda linguagem é metafórica. Contudo, sendo a metáfora estabelecida sobre um patamar de semelhanças e identidades, ela não se esvazia como possibilidade de verossimilhança, mas atinge uma dimensão do paradoxo representativo com um tratamento incrível da sintaxe, a língua menor dentro da língua maior<sup>1</sup>.

O discurso de Luís Serguilha é uma nova ferramenta para lidar com esta escrita atual. Uma maneira de “filosofar” que não se configura com as possibilidades da língua, da linearidade. Desta maneira, sua poética consiste em aglomerar significantes e esvaziar significados, todas as partes têm a possibilidade de se comunicarem de modo bastante heterogêneo.

#### Nota

- 1 A expressão de língua menor para maior tem o significado de criar uma linguagem nova para aquela tradicionalmente conhecida por nós dentro da poética. O próprio editorial poético nos remete a nova situação na escrita.

#### Referências

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974.

BREYNER, Sophia de Mello. *Poesia*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.

SERGUILHA, Luís. *A Singradura do Capinador*. Lisboa: Índícios de Ouro, 2005.